

**A HISTÓRIA DE UMA PRAÇA: SOCIABILIDADE, MANIFESTAÇÕES  
PÚBLICAS E RELIGIOSIDADE NA CIDADE DE CURITIBA**

**Recebido em:** 23/02/2010

**Aceito em:** 18/07/2010

*André Mendes Capraro*

Universidade Federal do Paraná – CEPELS/Núcleo de Estudos Futebol e Sociedade  
Curitiba – PR - Brasil

*Bruna Giacomazzi Ribas*

Universidade Positivo – CEPELS/UFPR  
Curitiba – PR – Brasil

*Janaina Cristiano*

Universidade Positivo – CEPELS/UFPR  
Curitiba – PR – Brasil

*Fernando Marinho Mezzadri*

Universidade Federal do Paraná – CEPELS/UFPR  
Curitiba – PR – Brasil

*Fernando Renato Cavichioli*

Universidade Federal do Paraná – CEPELS/UFPR  
Curitiba – PR – Brasil

**RESUMO:** A presente pesquisa investigou como foram desenvolvidas historicamente a sociabilidade e o lazer na cidade de Curitiba, especificamente na sua principal praça, a Tiradentes. Para tanto, a pesquisa foi centrada na análise de fontes históricas secundárias, sobretudo, memorialistas. A conclusão foi a de que com a estruturação dessa praça central como espaço de circulação foi dado o impulso inicial para a vida pública curitibana e um grande salto para o desenvolvimento urbano.

**PALAVRAS-CHAVE:** Atividades de Lazer. Urbanização. Mudança Social. Planejamento Social.

**THE HISTORY OF SQUARE: SOCIABILITY PUBLIC EVENTS AND  
RELIGIOSITY IN THE CITY OF CURITIBA**

**ABSTRACT:** The present research investigated how the sociability and the leisure had been historically developed, in the city of Curitiba, specifically in its main square: the Tiradentes Square. In order to answer this question, the research was centered in the analysis of secondary historical sources, over all, the memoirists ones. Therefore, it can

be concluded that, with the construction of this central square as a space of circulation of people, it was given the initial impulse for the Curitiba public life as well as a great jump for the urban development.

**KEYWORDS:** Leisure Activities. Urbanization. Social Change. Social Planning.

### **Considerações Iniciais**

Século XIX. Surge o primeiro modelo de cidade ideal, aquele que se propõe a sanear e embelezar a paisagem urbana. A arborização e o ajardinamento constituíram-se na expressão máxima do novo modo de pensar a cidade europeia que encontrou eco em outras partes do mundo com problemas de urbanismo semelhantes (PESAVENTO, 2002).

No Brasil, os problemas urbanos tiveram origens diversas, no entanto, levaram os governantes da época a adotarem medidas igualmente urgentes. As autoridades das principais cidades brasileiras inspiravam-se na França, país que se tornou símbolo da civilização moderna. As reformas de Paris, conduzidas por Haussmann, transformaram a capital francesa num padrão universal a ser atingido por qualquer cidade que pretendesse ser civilizada e moderna (SEVECENKO, 1998), e na capital paranaense a meta era elevar Curitiba à condição de uma verdadeira metrópole.

Desejavam-se, então, grandes avenidas, com ruas calçadas com paralelepípedos e arborizadas, com praças ajardinadas e embelezadas, com construções monumentais, com prédios de fachadas artísticas, com iluminação elétrica, com bondes elétricos, com estabelecimentos comerciais e com espaços para o lazer.

Com o Paraná já consolidado como Província, o crescimento urbano era notório, principalmente em Curitiba, que passa a realizar muitos eventos culturais, animando a vida cidadina (SCHMIDT, 1996, p.32). Com a presença dos imigrantes europeus, surgem também novas formas de lazer trazidas principalmente pelos alemães e italianos.

A cidade também diversificava os espaços de convívio, são abertos vários cafés e salas de espetáculo com a finalidade de servirem de espaço de sociabilidade (TRINDADE, 1996, p.10). Uma determinada Praça, local que agregava no seu entorno estes espaços de lazer e sociabilidade, seria fundamental nesse processo...

A praça curitibana em questão é a mais central da cidade: a Tiradentes. Local no qual se situa o marco zero da cidade e, desde sua estruturação, a igreja matriz, a Catedral Metropolitana de Curitiba.

No sentido de melhor compreender o desenvolvimento urbano na Praça e seus arredores, a pesquisa foi dividida temporalmente em três “blocos históricos” (VELOSO e MADEIRA, 1999): o primeiro, dos meados do XIX até as últimas décadas do século, período de construção da Praça; o segundo compreendendo a época denominada *belle-époque* (as últimas décadas do século XIX e as primeiras do século XX); e, por último, as décadas de 1930-40, período no qual a Praça exacerbava a dicotomia entre o moderno e o tradicional. A ideia de “bloco histórico” consiste na seleção de determinados períodos, por amostragem e grau de relevância, para melhor compreender a história de um indivíduo, espaço ou evento. No caso em questão, os períodos selecionados foram definidos exatamente por significar mudanças de ordem estrutural e social nas dependências do espaço público da Praça Tiradentes.

Portanto, a questão que norteia tal pesquisa é a seguinte: como foi desenvolvida historicamente a prática de lazer e sociabilidade na Praça Tiradentes durante o período em que Curitiba se consolidou como metrópole?

Com o crescimento urbano de Curitiba, nas últimas décadas do século XIX, as Praças – até então grandes campos sem atrativos – tiveram suas configurações e funções alteradas, transformando-se em importantes espaços dentro da trama urbanística da

capital (BAHLS, 1998, p.181). Passaram, portanto, a representar o poder e a grandeza de uma cidade, não apenas por sua estética, mas também pela maneira com que seus espaços eram utilizados pela administração pública e pelos habitantes. Sendo assim, o objetivo geral deste artigo foi o caracterizar o desenvolvimento das práticas de lazer e sociabilidade em áreas públicas da cidade de Curitiba, especificamente na Praça Tiradentes, no dinâmico período dos meados do século XIX até os meados do XX.

Quanto ao método, tal pesquisa é de cunho bibliográfico, de caráter qualitativo, centrado na análise de fontes históricas secundárias – livros de reminiscências, periódicos, com o complemento de algumas imagens. Tais fontes foram extraídas de algumas obras literárias de cunho memorialista, como os relatos dos diários de Nestor Victor (1913) e Avé-Lallemant (1995); e de outras com registros e impressões de cronistas urbanos, como Schmidt (1996), Hilaire (1995), Macedo (1983) e Albuquerque (1989). Já o periódico que serviu como referência central foi o Boletim Informativo da Casa Romário Martins. Tal instituição, subsidiada pelo governo municipal, foi fundada em 1973 com o objetivo de preservar à memória do município. Para divulgação de pesquisas acerca da cidade, fontes inéditas e da própria (re)memorização, tal instituição lançou logo após a sua criação um boletim informativo. No formato de revista, tal manuscrito é gratuito e distribuído somente na própria sede da Casa Romário Martins e em outros museus públicos de Curitiba. Não apresenta uma periodicidade regular, variando de semestral à anual com uma tiragem limitada (entre 500 e 2000 exemplares). Geralmente o boletim apresenta uma temática central ligada às coisas de Curitiba. No tangente a presente pesquisa, interessou, sobretudo, a edição de 1997, já que o tema era a própria Praça Tiradentes.

### **A Praça Tiradentes, Espaço Central no Desenvolvimento da Cidade no Século XIX**

Em 1820 passou por Curitiba o renomado botânico francês Auguste de Saint Hilaire. Desta visita deixou registros, posteriormente descritos no Boletim Informativo da Casa Romário Martins (1997, p.03), relatando o que viu: uma cidade de forma quase circular, com 220 casas pequenas, ruas regulares, algumas pavimentadas, outras apenas calçadas na frente das casas. Também nestes registros deixou uma pequena descrição da atual Praça Tiradentes: “[...] é quadrada, muito grande e coberta por um relvado” (HILARE, 1995, p.105-106).

De acordo com Mendonça (1991, s/p), antigamente conhecida como Largo da Matriz, a Praça Tiradentes é o próprio centro de Curitiba, o marco zero, assinalado em pequeno monumento com as direções de Santa Catarina, Iguaçu, São Paulo e Paranaguá, ali está também a referência de nível de Curitiba.

Localizada no Largo da Matriz, no coração da cidade, encontrava-se o Templo da Matriz, igreja católica apostólica romana que viu a cidade se desenvolver em seu entorno. As obras para construção de tal igreja começaram em 1654, sendo inaugurada somente em 1714. Esta obra original foi demolida em 1876 para construção de um novo templo. (DESTEFANI, 1993, p. 49).

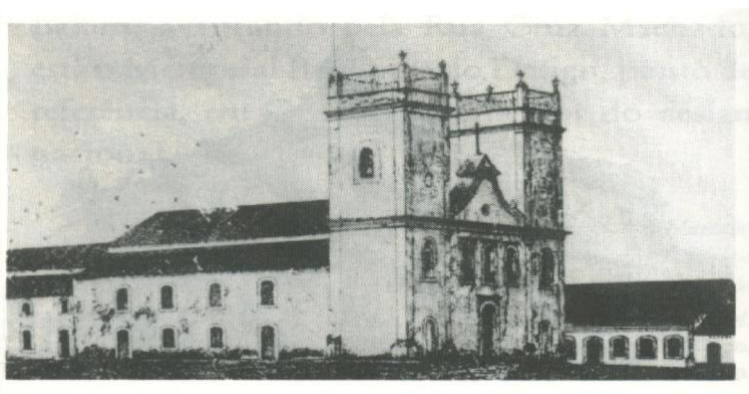


FIGURA 1. Antiga Matriz demolida em 1876<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> FENIANOS, Eduardo E.; MENDONÇA, Maí N. **Pegadas da Memória: Roteiro Cultural e histórico para conhecer Curitiba a pé.** Curitiba: Prefeitura Municipal, 1993.

Na FIG.1, pode-se observar a antiga igreja já demonstrando sinais de deterioração, como as visíveis fendas na fachada. Era véspera da sua demolição para construção de uma Igreja Matriz mais imponente. O local que circundava o templo, coberto pela relva, era o Largo da Matriz ou Pátio da Igreja Matriz. Representava, na época, o núcleo central da cidade, no qual se concentravam, além do poder religioso, os centros econômico e político. Econômico, pois era o local no qual se estabeleceu o pequeno comércio curitibano (nas chamadas “casinhas”, pontos alugados ou comprados). Político já que, fazendo frente também para o Largo e ângulo com a igreja, estava localizado o prédio da Cadeia Municipal, no qual, por muito tempo, funcionou a Câmara Municipal. Desta Praça partia também o primeiro arruamento: a Rua Fechada (atual José Bonifácio), o Beco do Inferno (Travessa Tobias de Macedo), a Rua da Matriz (Monsenhor Celso) e a Rua do Rosário, para citar apenas as vias que faziam fronteira direta com o Largo (Boletim Informativo da Casa Romário Martins, 1997, p. 03).

O médico alemão Robert Ave-Lallemant passou por Curitiba em 1858 e também deixou registros de suas impressões, descrevendo o fluxo de pessoas na praça durante os festejos do dia da Virgem Maria, 8 de setembro:

A praça da Igreja esteve particularmente interessante nesse dia. Constitui a praça uma grande campina verde de forma quadrada, emoldurada de casas térreas. No seu centro se acha a igreja matriz da cidade. Precisamente se celebrava a missa com música; a igreja estava cheia de gente, de modo que apenas se podia olhar para dentro. Parece ter chegado muita gente dos arredores. A multidão que estava na praça verde da igreja, na maioria em cavalos ricamente ajazados, dava uma boa impressão, [...] (AVE-LALLEMANT, 1995, p. 72).

Segundo as observações do viajante alemão, apesar de todas as posturas municipais no sentido de organizar, cuidar e embelezar a cidade, nos anos anteriores, pouco havia sido feito: a praça não apresentava grandes transformações, mas era cenário de acontecimentos importantes, aglutinando todos os moradores do quadro urbano e arredores (Boletim Informativo da Casa Romário Martins, 1997, p. 05).

Por exemplo, após a vitória na Guerra do Paraguai, a população da cidade de Curitiba se envolveu com os festejos para a recepção dos heróis que retornariam do *front*. Como retrata a FIG. 2, muitas pessoas se reuniram em frente à antiga Matriz. Observa-se algo semelhante a um tablado coberto ao lado da porta principal da igreja, provavelmente usado pelas autoridades para realizar as homenagens. A imagem da guerra enquanto horror e dever permeou os anos de 1865 até 1870. O final da guerra, e o conseqüente retorno dos soldados, não poderiam deixar de constituir um verdadeiro acontecimento cívico, amplamente divulgado pela incipiente imprensa paranaense – já que consistia apenas em um único periódico, o *Jornal do Commercio*, diário situacionista, cujos editores e articulistas exerciam outros ofícios, geralmente em repartições públicas.



FIG. 2. Antiga Matriz de Curitiba, 21 de abril de 1870, volta dos voluntários da Pátria que participaram na Guerra do Paraguai<sup>2</sup>.

Além da missa, recepção e do discurso de enaltecimento da pátria, as autoridades locais ofereceriam apresentações musicais e convidariam para um jantar os valorosos combatentes, tudo com a anuência da população local. A preocupação com a organização da festividade era notória, como bem aponta o historiador Davi Carneiro (1995) ao citar um excerto do *Jornal do Commercio*:

[...] 4º Á noite desse mesmo dia haverá iluminação no coreto do largo da matriz e nos arcos das ruas, e a comissão de festejos irá convidar os voluntários para receberem naquele lugar as saudações do povo.

5º No dia seguinte ao meio dia celebrar-se-á na igreja matriz um Te-Deum solene, em ação de graças pelo regresso desses bravos à pátria. (...) A comissão convida os habitantes desta capital a iluminarem às frentes de suas casas nas três noites de festejos, e a abrilhantarem as solenidades pelo modo que melhor lhes parecer (DESTEFANI, 1993, p. 267).

A Praça da Matriz consolidava-se como o principal ponto de referência. Fazia sentido que ali se realizassem os festejos da volta dos Voluntários da Pátria, pois era o local no qual as notícias acerca dos combates eram divulgadas (*Boletim Informativo da Casa Romário Martins*, 1997, p.53). E foi ali que a população comemorou a vitória com o repicar dos sinos da Matriz e o lançamento de foguetório. A Praça, portanto, tornava-se o receptáculo da sociabilidade curitibana (*Boletim Informativo da Casa Romário Martins*, 1997, p.55).

Assim, cada acontecimento novo suscitava as mais acaloradas manifestações, e a cobertura da imprensa local reforçava a ideia da Praça como pólo de referência aos habitantes (*Boletim Informativo da Casa Romário Martins*, 1997, p.57). O logradouro mostrava a sua importância dentro da construção, pois, adaptava-se aos moldes de

---

<sup>2</sup> Ibid.



civilização, incentivando a sociabilização, confraternização e proporcionando lembranças marcantes, da circulação de transeuntes no ponto mais central da cidade.

Outro exemplo, em 1876, a Praça, foi palco de mais um fato empolgante: a ascensão de um balão, realizada pelo Sr. Ceballos. De acordo com o Boletim Informativo da Casa Romário Martins (1997, p. 57), o povo se dirigiu à Praça da Matriz a fim de assistir à demonstração do “audaz mexicano”, enquanto o balão subia, o aeronauta-ginasta fazia exercícios como se estivesse no solo, impressionando a multidões que se aglomerava no local. Repetindo o acontecimento do dia 23 de fevereiro, alguns dias depois, ocorreu a segunda ascensão de Ceballos. Era uma quarta-feira, mas o evento conseguiu reunir novamente um grande número de espectadores, transformando o dia em praticamente um feriado.

O antigo Largo da Matriz era o centro catalisador das atividades políticas, religiosas e comerciais desde a fundação da vila. Era naquele espaço que ocorriam as mais diversas manifestações cívicas, espetáculos e apresentações diversas, sobretudo, musicais (principalmente aos sábados e domingos), as missas diárias e o encontro descompromissado para discutir política (Biscaia, 1996). Ou seja, a Praça ganhava o status de centro de lazer e sociabilidade, pois, tornara-se o local público predileto da população curitibana em seu momento de tempo livre. Gradativamente as residências particulares das famílias pioneiras e politicamente mais influentes na região passam a dividir espaço com as pequenas casas comerciais, especialmente os cafés e confeitarias se tornariam mais um ponto de encontro da população citadina.

---

<sup>3</sup> Na matéria do Boletim da Casa Romário Martins não é relatado o público estimado nas cercanias da Praça no dia do evento. Mas é frisado que havia uma grande aglomeração no local para assistir ao espetáculo aéreo. Estima-se que a população de Curitiba na época era de aproximadamente 6 mil habitantes, embora os dados sejam bastante imprecisos.

### **A Praça Tiradentes, Marco de Sociabilidade na *Belle-Époque* Curitibana**

Essa função da Praça, de espaço de comunicação entre os habitantes da vila, tornou-se mais intensa no início século XX. Era necessário, então, suplantar o antigo modelo de concepção de Praça: denominada inicialmente de Largo, era um extenso descampado que servia simplesmente como ponto de passagem para os pedestres e cavaleiros, além de pasto para os animais (BAHLS, 1998, p.151).

Nesta época, Curitiba apresentou muitos sinais de modernização por todo trecho urbano: novas ruas surgiram e foram pavimentadas, edificações foram erguidas, avenidas foram abertas e a arquitetura mostrava-se inovadora com a influência do ecletismo (SUTIL, 2009). As necessidades sociais também se modificaram: surgindo os arrabaldes e, conseqüentemente, uma região denominada “centro da cidade”, na qual, se estabeleceu o comércio. Logo, o trânsito – tanto de pedestres quanto de veículos – se acentuaria nesta região:

Com o levantar do dia, as ruas mais comerciais de Curitiba, a rua Fechada, agora José Bonifácio, a rua Quinze de Novembro, então Rua das Flores, a antiga praça de Pedro II, ou mais vulgarmente o pátio da Matriz, agora praça Tiradentes, a rua do Riachuelo, os arredores do mercado, trechos da rua Aquidaban, atulhavam-se de carroças para o transporte de cargas, veículos esses de vários feitios, mas maior parte deles reproduzindo o tipo russo, de dois eixos e quatro rodas, tirados por seis a oito cavalos, dotados geralmente de tolda em arco, ou então outros aproximando-se do tipo polonês, de quatro rodas, tirados por dois a quatro cavalos. [...] (VICTOR, 1913, p. 101).

Em 1913, quando o memorialista Nestor Victor teceu tais comentários, Curitiba passava por transformações em boa parte pautadas no novo modelo de cidade, aquele influenciado pelo urbanismo europeu (TRINDADE, 1996). Já nos meados do século XIX, começava a se consolidar uma mentalidade urbana-civilizadora, especialmente em

relação aos costumes (MELO, 2001). Isso envolvia os jogos, as danças, as formas de tratamento, formas de morar e, especialmente, os hábitos de higiene (CHALHOUB, 1996). As cidades passaram a ser concebidas a partir dos discursos médico e arquitetônico, ambos perturbados com a recém-descoberta do espaço urbano como um novo problema social. Pautada nas reformas urbanas das grandes capitais européias, a ideia era a de reestruturar – mesmo que a “fórceps” – uma forma espacial tida como problemática: aglomerações, vielas sinuosas e escuras e o acúmulo da pobreza (sobretudo numa época em que se começava a reavaliar a importância da higiene pública) (Boletim Informativo da Casa Romário Martins, 1997, p. 07).

Assim, em Curitiba já no final do século XIX, fazia-se necessária uma reforma no logradouro para melhor receber a população e para demonstrar que a cidade queria se igualar aos grandes centros civilizados. Com o intuito de melhorar o Largo da Matriz, a primeira empreitada foi realizada em meados do século XIX, iniciativa do Coronel Pereira Gomes, comandante do Terceiro Regimento de Artilharia de Campanha, ali sediado. As obras consistiam em traçar passeios retos, que terminavam em uma Praça central, com árvores nos corredores formando alamedas. Para tanto, quando necessário, eram desapropriados estabelecimentos comerciais e residências para dar melhor alinhamento às ruas (ALBUQUERQUE, 1989, p. 29). Quanto às novas construções na região central, os proprietários eram orientados a seguir os padrões estabelecidos: deixar de lado os modelos coloniais, devido à influência do estilo dos imigrantes. Portanto, todas as ações urbanísticas “[...] visavam o aprimoramento da paisagem e o enquadramento no padrão do bem viver” (Boletim Informativo da Casa Romário Martins, 1997, p. 10-11).

Somente em 1889, com a Proclamação da República, o Largo D. Pedro II passa a se chamar oficialmente Praça Tiradentes, os novos ditames da urbanização rezam agora que uma cidade civilizada deve ter uma paisagem verde bem cuidada conforme se percebe na imagem a seguir. Destacam-se, além do recém-implantado sistema de bondes (MACEDO, 1983, p. 33), a nova Matriz com as obras quase concluídas e o ajardinamento com pequenas mudas cuidadosamente plantadas, especialmente nas Praças e Largos destinados ao passeio e ao descanso da população.



FIGURA 3. Aspecto da catedral com as obras quase concluídas em 1890.<sup>4</sup>

Como demonstra a meticulosa FIG.3, a Tiradentes tornara-se o cartão-postal de Curitiba. Sua posição central na cidade fez com que fosse uma das primeiras a receber a atenção das autoridades no que diz respeito à conservação de passagens e ambientes, sendo criadas áreas de saneamento e ajardinamento e também pontos de recreio nesta época (BAHLS, 1998, p. 07).

<sup>4</sup> DESTEFANI, Cid D. **A cruz do alemão**. Curitiba: Banestado, 1993.

O conceito de “vida ativa” predominante na Capital Federal e outros grandes centros brasileiros (MELO, 2001; SEVCENKO, 1992) ganhava notoriedade em Curitiba. A população pleiteava opções de lazer público. Enquanto a cidade se tornava um canteiro de obras, com inúmeras construções de casas e edifícios (geralmente comerciais), foi dada atenção à construção e à reforma das Praças. Valorizavam-se áreas verdes, bancos de madeira, coretos, tudo que proporcionasse o lazer contemplativo (TRINDADE, 1996, p. 28). Neste contexto, gradativamente, as Praças (também os Largos) se consolidaram dentro da malha urbana curitibana, gerando ao redor os mais nobres edifícios da cidade e a atividades sociais variadas. Corroborando tal afirmativa, em relação às Praças em Curitiba durante a Primeira República é relatado:

As praças têm um importante papel na história da sociedade, como espaço que proporcionou diversão, reivindicação, comícios, relações sociais, encontros de gerações, serviu de palco para o “desfile” das belas mocinhas da época, belos romances, amores platônicos, para o encontro de grandes nomes da sociedade Curitibana, festividades e comemorações (TRINDADE, 1996, p. 35).

Nesse ambiente destinado ao lazer também se pretendia disseminar a moral, difundir a ética e a fé católica, enaltecer o progresso e trabalho, estabelecer a disciplina e a ordem, incentivar o civismo, e introduzir noções básicas de saúde e higiene à população. Nas ruas centrais de Curitiba se instalaram os bancos e o comércio, os modos e costumes assumem uma feição europeia, reforçada pela presença do imigrante. Tal influência também era materializada na arquitetura, sobretudo, a de ordem pública (SUTIL, 2009).

A modernidade em Curitiba não consistia somente no desejo de consumir mercadorias industrializadas e modas advindas da Europa. Eram profundas também as mudanças no viver urbano: questões como estrutura sanitária adequada, arejar espaços,

afastar a sujeira, o lixo e a constante assepsia, tudo para que os cidadãos curitibanos estivessem enquadrados no modo de vida considerado civilizado, racional, regido pelas metrópoles das grandes potências industrializadas, principalmente Paris e Londres, expoentes do progresso. Ou seja, não só nos ambientes privados ocorreu à modernização de Curitiba, mas cada vez mais nos ambientes públicos (BENVENUTTI, 2004, p.07).

De acordo Melo e Alves Júnior (2003), nesse período as atividades “recreativas” eram entendidas como meio para a manutenção da saúde e recuperação da força de trabalho. Portanto, tratava-se – no caso brasileiro em geral – de uma sociedade recentemente industrializada estabelecendo relações necessárias entre lazer e trabalho, pausa e rotina, obrigação e a liberdade. Curitiba não fugia à regra. Embora não pudesse ser considerada ainda uma metrópole, desenvolvia-se rapidamente. Como o Paraná crescia economicamente a partir da extração de erva-mate, logo Curitiba assentaria as primeiras fábricas de manufatura do produto. É o caso, por exemplo, da tradicional fábrica Mate Leão, já na época uma das maiores do país (PEREIRA, 1996).

As autoridades locais se preocupavam, então, em aumentar as opções de lazer e, conseqüentemente, progredir, fomentando a construção de teatros, a instalação de cinemas, a abertura de clubes e associações, formando lentamente a divisão do lazer em função do fator econômico. Sendo o cinema (na época, chamado de cinematógrafo) o principal assunto nas conversas em Praças e nos periódicos da época (TRINDADE, 1996, p.56).

Nota-se, neste contexto da reforma urbana que ocorria em Curitiba no período da *baile eduque*, a grande importância da reestruturação das Praças como parte da consolidação de uma identidade civilizada. Na medida em que a cidade crescia, a

função das Praças também se alterava. A Praça Tiradentes, no caso, era pólo de atrações recreativas (como espetáculos e quermesses) e atividades cívicas-políticas (como homenagens aos heróis nacionais e à República, protestos populares e paradas militares) (BAHLS, 1998, p.181). Isto sem contar as outras atividades não regulares, como os espetáculos circenses, apresentações musicais improvisadas, os debates acalorados acerca da política, ou apenas o acompanhar dos transeuntes.

No findar do século, a Praça Tiradentes intensificava ainda mais seu status de principal local para realização de festas cívicas e religiosas; apresentação de consagradas bandas e orquestras; além de ser o espaço predileto para os protestos da população (BAHLS, 1998, p. 08).

O cenário vai se modificando, o do século XIX cede lugar ao do “fremente século XX” (SEVCENKO, 1992). A atenção dada à Praça reflete a sua posição junto ao imaginário daqueles que dirigem, habitam e pensam a cidade. Ela é o ponto nevrálgico da metrópole, agora moderna, de acordo com os padrões internacionais que influenciavam a elite política e intelectual (Boletim Informativo da Casa Romário Martins, 1997, p. 18).

Em 1912, por exemplo, Cândido de Abreu reformaria a Praça, visando consolidar o acabamento típico dos padrões europeus: acrescentou dois repuxos, num deles provavelmente teriam sido colocados peixes de várias espécies. Também construiu um coreto e alterou as vias de contorno para ali instalar os cabos e os trilhos dos bondes elétricos (Boletim Informativo da Casa Romário Martins, 1997, p. 14).

### **A Praça Tiradentes, a Moderna Curitiba das Décadas de 1930-40**

No entanto, mesmo após várias mudanças modernizadoras ocorridas tanto na gestão de Cândido de Abreu quanto na de Moreira Garcez (década de 1920), já nos anos 1930 a Praça Tiradentes parecia abandonada e com obras ainda para finalizar (Boletim Informativo da Casa Romário Martins, 1997, p.22-24).

Somente em 1934 deu-se início a nova pavimentação da Praça Tiradentes, fase esta denominada *maioridade curitibana* – “A cidade de Curitiba, nestes últimos cinco anos, atravessa incomensurável surto de progresso. O centro comercial, as construções de arranha-céus, o aumento crescente dos bairros dão a cidade um aspecto de metrópole” (BISCAIA, 1996, p. 37).

A FIG. 5, registrada no ano de 1935, exhibe a Praça pavimentada, ajardinada, com a Catedral acima à direita e a cidade que se desenvolveu ao redor com um grande número de construções e vias. É a prova da crescente urbanização. A Praça estava sendo preparada para construção da moderna estação de bondes, a grande circulação de automóveis e de transeuntes, a vegetação cede espaço ao concreto. O progresso era a máxima!



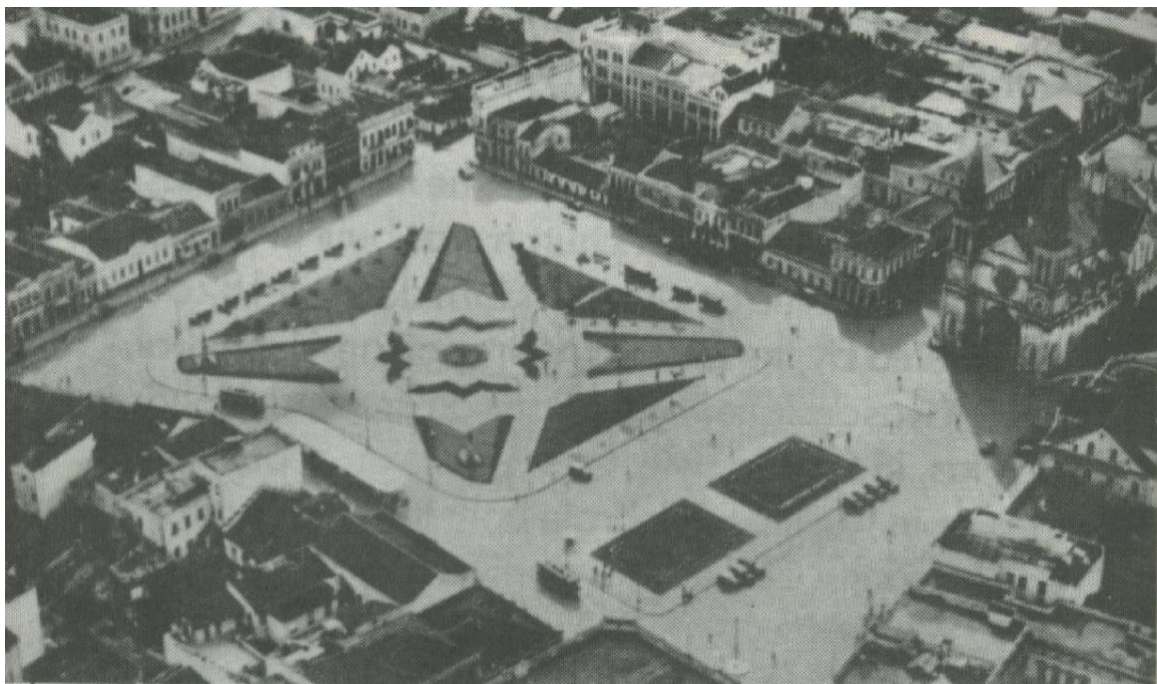


FIGURA 5. Vista aérea, 1935s.

Porém, a Praça Tiradentes, paradoxalmente, era a representação de épocas distintas, pois, ao mesmo tempo, aspirava à modernidade – a construção da estação de bondes, a grande movimentação de pessoas bem trajadas, os policiais zelando pela segurança, como é possível observar no lado esquerdo da FIG. 6; mas ainda exalando um forte sentimento de nostalgia – o antigo ponto de encontro na cidade, a imponente Catedral Metropolitana e cercanias, tradicional espaço para festas, comemorações e reivindicações, de certa forma, espaço urbano ainda resistente ao progresso (ALBUQUERQUE, 1989, p. 49). Assim, é possível notar que o autor anônimo da fotografia registrou – propositalmente ou não – um forte antagonismo entre o novo e o tradicional (COSTA, 1959, p. 20-25).

---

<sup>5</sup> FENIANOS, Eduardo E. e MENDONÇA, Maí N. **Pegadas da Memória: Roteiro Cultural e histórico para conhecer Curitiba a pé.** Curitiba: Prefeitura Municipal, 1993.



FIGURA 6. Plataforma da estação de bondes com a Catedral Metropolitana ao fundo, década de 40s.

A Praça Tiradentes chegava à metade do século XX como espaço de celebração da história da República (materializada nas suas estátuas e monumentos) e da história local (presente no marco da fundação da cidade). Isolada em meio aos edifícios comerciais, a Catedral permanecia como o último resquício do logradouro, mas sem a mesma dimensão do poder, já que não era mais o ponto de encontro das famílias tradicionais de Curitiba (Boletim Informativo da Casa Romário Martins, 1997, p.36-37).

### **Considerações Finais**

A Praça da Igreja Matriz, com seu marco zero, a mesma que recepcionou o Imperador D. Pedro II e os voluntários da pátria que regressaram do Paraguai, serviu de cenário para manifestações populares e acontecimentos extraordinários, como os festejos em datas cívicas ou as apresentações circenses e/ou esportivas e musicais que reuniram parte significativa da população local.

<sup>6</sup> Idem.

Portanto, a origem da própria cidade está ligada à história da Praça Tiradentes. Foi em volta do antigo Largo da Matriz que Curitiba cresceu e que sua população usufruiu de momentos de lazer, de sociabilidade, de manifestação política e de confraternização. E, mesmo se aproximando dos meados do século XX, a Tiradentes continuava sendo considerada o cerne da cidade. Embora repleta de concreto ao seu redor, a Praça era o reflexo da vida corrida imposta pela modernidade (Sevcenko, 1998).

Enfim, esse importante espaço físico foi parte essencial da identidade cidadina.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Mário Marcondes. **Curitiba que o meu tempo guardou**. Curitiba: s/ed, 1989.

AVÉ-LALLEMANT, Robert. **1858, viagem pelo Paraná**. Curitiba: Fundação Cultural, 1995.

BAHLS, Aparecida Vaz. **O verde na metrópole: a evolução das praças e jardins em Curitiba (1885 – 1916)**, 1998. 223f Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de Ciências humanas, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 1998.

BENVENUTTI, Alexandre. **As reclamações do povo na Belle Époque: a cidade em discussão na imprensa curitibana (1909 – 1916)**. 2004. 154f. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2004.

BISCAIA, Evaristo. **Coisas da cidade**. Curitiba: Fundação Cultural, 1996.

BOLETIM INFORMATIVO DA CASA ROMÁRIO MARTINS. **Tiradentes: a praça verde da igreja**. Curitiba: Fundação Cultural, 1997.

CARNEIRO, David. **O Paraná na Guerra do Paraguai**. Curitiba: Fundação Cultural/Farol do Saber, 1995.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

COSTA, Samuel Guimarães da Costa. **Curitiba desemboca na Praça Tiradentes**. Curitiba: Panorama, 1959.

DESTEFANI, Cid Deren. **A cruz do alemão**. Curitiba: Banestado, 1993.

FENIANOS, Eduardo; MENDONÇA, Maí. **Pegadas da Memória: roteiro Cultural e histórico para conhecer Curitiba a pé**. Curitiba: Prefeitura Municipal, 1993.

HILAIRE, Auguste. **Viagem pela comarca de Curitiba**. Curitiba: Fundação Cultural/Farol do Saber, 1995.

MACEDO, Heitor Borges de. **Rememorando: Curitiba no tempo dos bondinhos de burros**. Curitiba: Litero-técnica, 1983.

MELO, Victor Andrade. **Cidade Sportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

MELO, Victor Andrade; ALVES JUNIOR, Edmundo. **Introdução ao Lazer**. São Paulo: Manole, 2003.

MENDONÇA, Maria Luiza Nascimento. **Linha vermelha: pegadas da memória**. Curitiba: 1991.

PEREIRA, Magnus Roberto. **Semeando iras rumo ao progresso**. Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná, 1996.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O Imaginário da Cidade – visões literárias do Urbano**. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. **Histórias do Cotidiano Paranaense**. Curitiba: Letraviva, 1996.

SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SEVCENKO, Nicolau (Org.). **História da Vida Privada no Brasil. República: da Belle Époque à Era do Rádio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SUTIL, Marcelo. **O Espelho e a Miragem: ecletismo, moradia e modernidade na Curitiba do início do século XX**. Curitiba: Travessa dos Editores, 2009.

TRINDADE, Etelvina Maria de Castro. **Clotildes ou Marias: mulheres de Curitiba na Primeira República**. Curitiba: Farol do Saber, 1996.

VELOSO, Mariza; MADEIRA, Angélica. **Leituras Brasileiras – itinerários no pensamento social e na literatura**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

VICTOR, Nestor. **A Terra do Futuro: impressões do Paraná**. Rio de Janeiro: Jornal do Comércio, 1913.

**Endereço dos Autores:**

André Mendes Capraro

Endereço: Praça da Ucrânia, 44, apto 111. Bigorrião

Curitiba – PR – CEP: 80730-430

Endereço Eletrônico: [andrecapraro@onda.com.br](mailto:andrecapraro@onda.com.br)